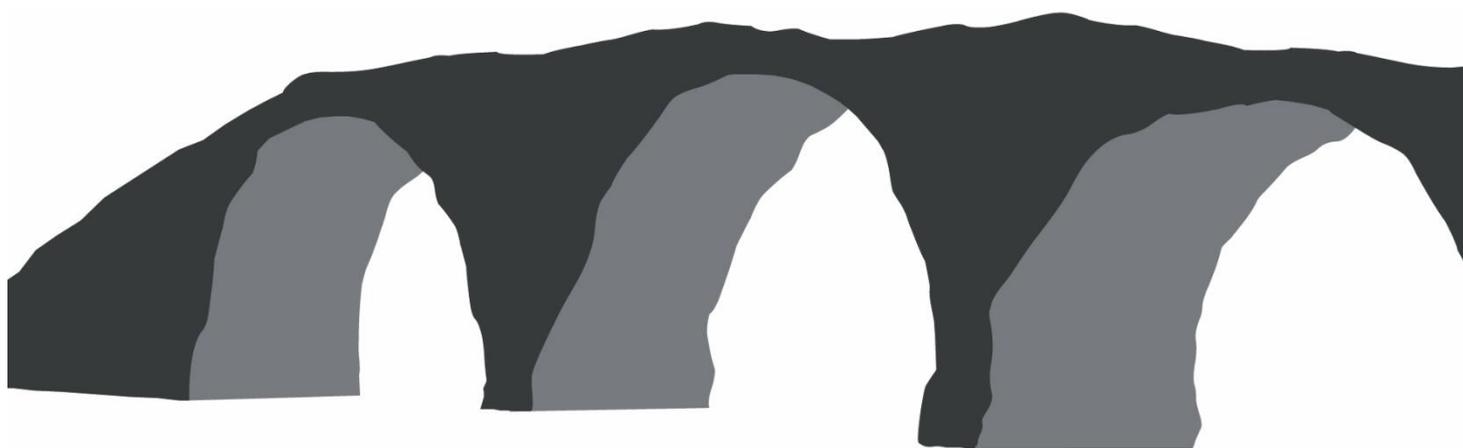


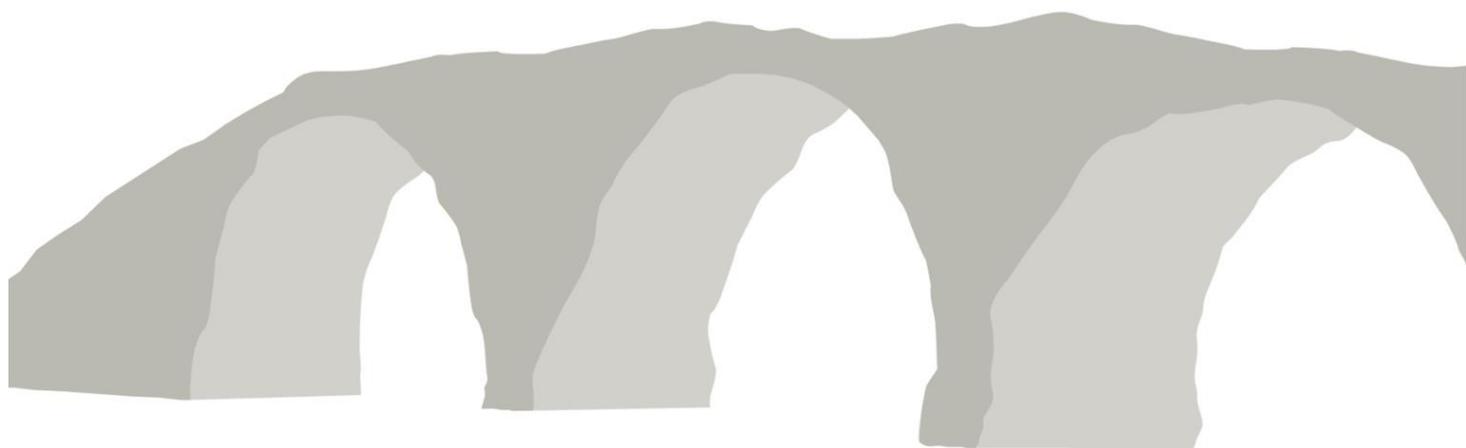
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 13 | Número 1 | Janeiro –Junho 2019
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**ENTRE O SAGRADO E O PROFANO:
UM MUNDO POR TRÁS DAS GRADES**

**BETWEEN THE SACRED AND THE PROFANE:
A WORLD BEHIND THE GRIDES**

Rosivânia de Castro Aquino





Data de recebimento: 11/02/2019.

Data de aceite: 21/04/2019.

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: UM MUNDO POR TRÁS DAS GRADES

BETWEEN THE SACRED AND THE PROFANE: A WORLD BEHIND THE GRIDES

Rosivânia de Castro Aquino¹

RESUMO

O presente artigo trata do estudo arqueológico e fenomenológico das representações gráficas, grafismos, de duas temáticas: apelo religioso e sexualidade, presentes nas celas da Penitenciária Tenente Zeca Rúben (1967-2007) em São Raimundo Nonato, Piauí. Neste ambiente carcerário, os detentos deixaram marcas da transformação do seu espaço prisional, onde a criação de desenhos, inscrições e frases escritas nas celas fazem parte de uma prática integrante da vivência e experiência de seus criadores nessa prisão. Utilizo conceitos da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty aplicados à Arqueologia para a compreensão de tais temáticas frente a experiência do corpo (sujeito/preso) e o corpo (espaço prisional) da Penitenciária, contribuindo, assim, para construção e/ou reconstrução do passado, mesmo o mais recente.

Palavras-chave: Penitenciária Tenente Zeca Rúben, Grafismos, Espaço Prisional, Arqueologia, Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

RESUMEN

Este artículo aborda el estudio arqueológico y fenomenológico de las representaciones gráficas, gráficas, de dos temas: el atractivo religioso y la sexualidad, presentes en las celdas de la Penitenciaría del Teniente Zeca Rúben (1967-2007) en São Raimundo Nonato, Piauí. En este ambiente carcelario, los detenidos dejaron huellas de la transformación de su espacio, donde la creación de dibujos, inscripciones y frases escritas en las celdas son parte de una práctica integral de la experiencia y la experiencia de sus creadores en esta prisión. Utilizo conceptos de la fenomenología de Maurice Merleau-Ponty aplicada a la arqueología para la comprensión de dichos temas en relación con la experiencia del cuerpo (sujeto / prisionero) y el cuerpo (espacio de la prisión) de la Penitenciaría, contribuyendo así a la construcción y / o reconstrucción del pasado. , incluso el más reciente.

Palabra clave: Teniente Penitenciario Zeca Rúben, Gráficos, Espacio Carcelario, Arqueología, Fenomenología De Maurice Merleau-Ponty.

¹ Doutoranda em Arqueologia do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Bolsista CAPES; Rua Almeida Prado, 1466- Butantã, São Paulo – SP, 05508-070, rosivania.aquino@usp.br.
<https://orcid.org/0000-0002-6837-029X>.

ABSTRACT

This article, deals with the archaeological and phenomenological study of the graphic representations, graphics, of two themes: religious appeal and sexuality present in the cells of the Lieutenant Zeca Rúben Penitentiary (1967-2007) in São Raimundo Nonato, Piauí. In this prison environment, the detainees left marks of the transformation of their prison space, where the creation of drawings, inscriptions and phrases written in the cells are part of an integral practice of the experience and experience of their creators in this prison. I use concepts of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology applied to Archeology for the understanding of such themes in relation to the experience of the body (subject / prisoner) and the body (prison space) of the Penitentiary, thus contributing to the construction and / or reconstruction of the past, even the most recent.

Keywords: Penitentiary Lieutenant Zeca Rúben, Graphics, Prison Space, Archeology, Maurice Merleau-Ponty's Phenomenology.

INTRODUÇÃO

O que você estava fazendo antes de começar a ler o título deste artigo? Estava em alguma reunião importante? Lendo um livro, talvez? Vendo sua caixa de *e-mails*, trocando mensagens no *WhatsApp* ou em suas redes sociais? Como está o clima lá fora? Ensolarado ou nublado? E se algo ruim acontecesse e, de repente, você acordasse em uma cela de uma prisão. O que faria?

Imagine que advogados não resolveriam o seu caso por agora, se é isto que está pensando na primeira coisa que faria. Tente imaginar uma cela simples e uma penitenciária pequenininha, nada parecido com a Penitenciária Estadual de Fox River em *Prison Break*². Pense em algo bem menor que isso, com cinco celas e um pequeno pátio para apenas tomar sol. E então? Quais seriam suas experiências dentro desse espaço?

Em São Raimundo Nonato, no Piauí, os detentos da Penitenciária Tenente Zeca Rúben³ deixaram marcas da transformação de seu espaço prisional. Essas marcas, em formas de desenhos e murais de palavras em diferentes suportes (paredes, teto, piso), configuram narrativas de suas visões de mundo, identidade e memórias. Memórias de lugares e de pessoas que conviveram; memórias de objetos que manipulavam; mas também sensações e inúmeros elementos intangíveis inerentes as suas experiências incorporadas, corporificadas, em um mundo que estava além das grades. (Aquino, 2015, 2017).

Esses elementos coloreem suas percepções no presente (ato de desenhar, escrever) como também encaram o futuro, o novo, e, por meio deste estudo arqueológico aliado à fenomenologia, podemos proporcionar uma ideia sobre as experiências e vivências de grupos subalternos desse espaço carcerário “coberto pela poeira do tempo” (Aquino, 2017:23). As experiências e vivências são transportadas por meio da atividade do sujeito (preso/detento) encarnado e fornecem estruturas por meio das quais esse sujeito se torna capaz de interpretar o mundo e encaixá-lo nas paredes das celas. O “corpo”⁴ carrega o tempo e suas percepções para a experiência do lugar e da paisagem (Joyce, 2005; Ingold, 2007; Merleau-Ponty, 2011; Tarlow, 2012; Tilley, 2014; Pellini, 2016).

Este artigo, fruto de minha dissertação de mestrado em Arqueologia (Aquino, 2017), atenta no estudo arqueológico e fenomenológico de duas temáticas: *apelo religioso e sexualidade* que representam exemplos das marcas, não somente de transformação, mas da significação e (re) significação do espaço prisional. De tal modo que a criação de desenhos, inscrições e frases escritas nas celas são heranças da vivência e experiência de seus criadores nessa prisão. No ambiente carcerário, por meio da análise metodológica que abrange a experiência

² *Prison Break* (em Portugal *Fuga da Prisão*, no Brasil, *Prison Break: Em Busca da Verdade*) é uma bem-sucedida série de televisão estadunidense de ação e suspense, transmitida originalmente pela Fox de 29 de agosto de 2005 a 15 de maio de 2009. Em 2015, a FOX renovou a série para mais 9 episódios, que foi ao ar no início de 2017, (Fan, 2017).

³ A Penitenciária Tenente Zeca Rúben foi inaugurada no ano de 1967 (ditadura militar) e ficou em funcionamento até 2007 (período democrático). Grande parte dos grafismos encontrados correspondem à década de 1990 e anos 2000. Possivelmente possam existir grafismos mais antigos a esse período sob camadas de tintas ou mesmo sob outros grafismos. Menciona-se que após a sua desativação em 2007, a penitenciária manteve-se fechada, e em 2017 a prefeitura municipal da cidade de São Raimundo Nonato junto à secretária de cultura do Estado do Piauí firmaram um projeto de transformá-la em Centro Cultural. As obras iniciaram em novembro de 2018. Assim, o presente estudo arqueológico corresponde ao último e talvez único registro documental das marcas de transformações feitas pelos presos no espaço. (Aquino, 2015; 2017).

⁴ “Até meados do século XX, os corpos ocuparam um rol secundário frente aos artefatos como evidência de processos culturais” (Salerno & Alberti, 2015:8). Com a emergência das aproximações científicas e antropológicas do processualismo, o estudo dos “corpos”, dentro da arqueologia, começaram a receber maior atenção. Todavia o reconhecimento dos elementos culturais do corpo só se deu nos últimos decênios. Sob a influência das abordagens fenomenológicas, uma perspectiva semiótica sobre o corpo está sendo substituída na arqueologia pela análise da produção e experiência de corpos vividos no passado através da justaposição de vestígios de práticas corporais, representações idealizadas e evidência dos efeitos de gestos, posturas e práticas habituais de consumo no corpo corporal. (Meskell & Joyce, 2003; Joyce, 2005).

sensorial e fenomenológica, pude perceber visões de mundo específicas, identidades e memórias engendradas nos grafismos que configuram o Sagrado e o Profano de um “mundo” que está por trás grades.

No trabalho de dissertação utilizei conceitos da fenomenologia husserliana, heideggeriana e ponntyana, aplicados à Arqueologia, já que trazem um “novo olhar” para materialidade e os aspectos sociais e culturais como um todo, argumentando as relações fenomenais de intencionalidade, existencialismo, percepção, corpo e espaço. (Aquino, 2017). No entanto, neste artigo, o recorte teórico utiliza apenas os conceitos fenomenológicos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (2011) para as análises arqueológicas dos grafismos das temáticas trabalhadas.

A fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) tem sido uma referência bastante adotada pelos arqueólogos por traçar uma perspectiva sobre o corpo, materialidade e paisagens culturais como “instrumento pelo qual todas as informações e conhecimentos são recebidos e significados são gerados” (Grosz, 1994:87, comentando sobre Merleau-Ponty-1962). Csordas (1994:10) sugere que as abordagens contemporâneas na arqueologia utilizam a corporificação enraizadas na fenomenologia pontyana, pois exigem ênfase na “experiência vivida”.

A fenomenologia ponntyana traz reflexões e discussões interessantes para os trabalhos arqueológicos justamente por propor escapar dos dualismos modernos de sujeito e objeto, (Salerno & Alberti, 2015). Conceitos de experiência e incorporação, corporificação (*embodiment*), talvez estejam mais claros nos trabalhos do filósofo francês que, em contraposição a Michel Foucault⁵ ou racionalistas como Descartes, descreve as formas pelas quais os corpos são constituídos por meio da nossa experiência no mundo e não pela nossa reflexão sobre o mundo. Para Merleau-Ponty (2011), os corpos nos oferecem nossa expressão no mundo, são a “forma visível das nossas intenções”, (Ponty, 2011:11). As maneiras que pensamos sobre o mundo que envolve nossos corpos, e neste caso os corpos dos presos, são baseados e fundamentados nas experiências deles com o mundo, o mundo cela – prisão (Aquino, 2017).

A fenomenologia de Merleau-Ponty (2011), aplicada na análise arqueológica das temáticas a serem abordadas a seguir, objetiva uma compreensão da “Personificação” que envolve a substituição de abordagens semióticas por perspectivas interpretativas hermenêuticas, dado que a influência das abordagens fenomenológicas, na arqueologia contemporânea, prioriza a experiência de corpos vividos (presos) nos lugares do mundo (cela-prisão), onde ocorrem engajamentos e vivências e os transformam tanto em termos físicos como abstratos (grafismos – Apelo religioso e sexualidade).

POR TRÁS DAS GRADES: A HISTÓRIA DA PENITENCIÁRIA TENENTE ZECA RÚBEN

A Penitenciária Tenente Zeca Rúben localiza-se no centro da cidade de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí. Ela foi construída por meio de um convênio do Governo do Estado do Piauí, sob a administração do governador Helvídio Nunes (1966 – 1970) e a prefeitura municipal da referida cidade, administrada por Newton de Castro Macêdo, e teve sua inauguração no dia 31 de agosto de 1967.

O prédio da penitenciária é uma estrutura quadrangular, como pode ser observado na Figura 1, composta por: gabinete do delegado; sala de espera; pátio; celas; conjunto de banheiros.

⁵ Ainda assim utilizarei conceitos das relações do corpo e espaço tratado na obra *Vigiar e Punir* de Foucault (2005), por trazerem interessantes reflexões nas análises arqueológicas e fenomenológicas da temática de apelo religioso. Veremos isso mais adiante no tópico “Como os presos se comunicam? Entre o sagrado e o profano”.

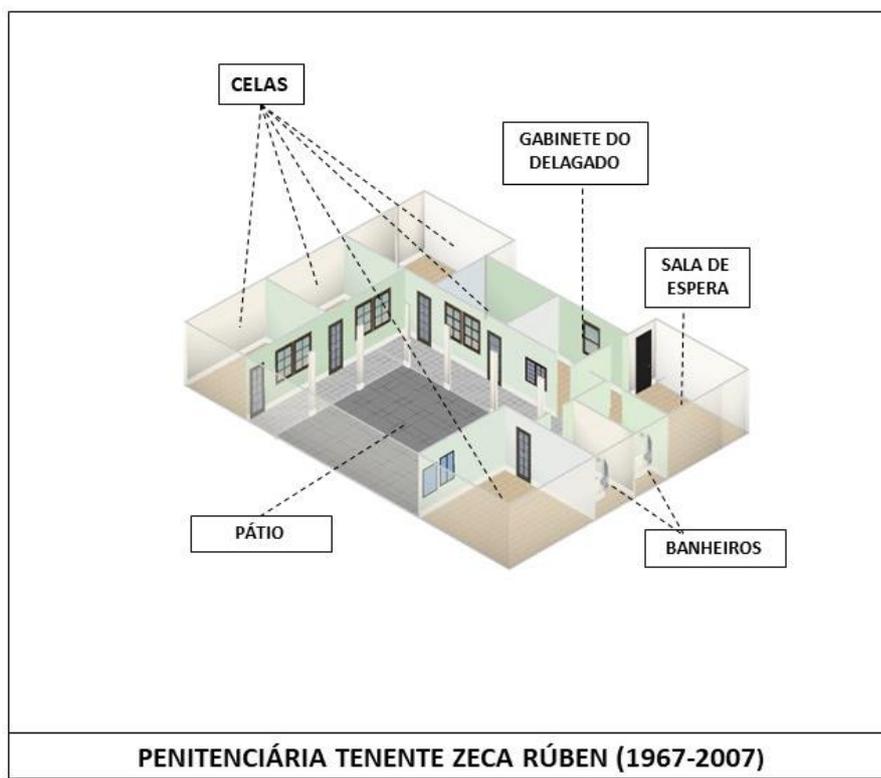


Figura 1: Penitenciária em 3D, vista lateral e dos fundos. Fonte: Elaborada pela autora (2015; 2016; 2017).

De acordo com relatos orais de Atenágoras Araújo⁶, último delegado vigente desta prisão (2003-2007), um dos principais motivos que levou à construção da Penitenciária, foi a disposição geográfica do antigo quartel da Companhia de Polícia Militar de São Raimundo Nonato-PI, construído em fins da década de 1950. Este quartel localizava-se diante da praça Júlio Paixão, popularmente chamada até os dias atuais de Praça do Relógio, tida na época como principal polo comercial da cidade: rodeada de feiras, lojas e tráfego de pessoas. A rua do quartel também era ponto de passagem para Igreja Matriz, de tal maneira que as senhoras, damas, esposas dos coronéis, ao transitarem em direção a Igreja Catedral, acabavam sendo vítimas de insultos e chacotas por parte dos presidiários que se escoravam nas pequenas grades das janelas das celas que ficavam expostas para a rua. Por isso, pensou-se em um local mais “apropriado” e estratégico para a instalação da penitenciária (Aquino, 2015; 2017).

Segundo o tenente Moreira⁷, a penitenciária recebeu a designação de “Tenente Zeca Rúben”, para homenagear o personagem Zeca Rúben, que era um homem de família rica e tradicional de São Raimundo Nonato. Diz-se que seu título de tenente foi comprado possivelmente no Rio de Janeiro, enquadrando-se nas chamadas “patentes compradas”.

Em seus primórdios, a penitenciária foi administrada pelo capitão Geraldo de Sousa Ganso, popularmente conhecido como “capitão Ganso”, que efetivava as prisões, tomava conta de outras diretrizes e demais questões afetas ao universo prisional. Ele atendia praticamente toda a região sudeste do Piauí, pois vários municípios estavam sob a jurisdição de São Raimundo Nonato. Nesse período, a penitenciária recebia poucos presos,

⁶ Informação obtida durante entrevista realizada no dia 18 de setembro de 2014, na delegacia da mulher.

⁷ Informação obtida por Francisco Moreira Vieira (Tenente Moreira), delegado da Penitenciária na década de 1990. (Entrevista realizada no dia 16 de setembro de 2014, em sua residência).

comportando dois ou três homens no máximo por cela. Isso se dava pelo fato de não existirem tantos crimes e delitos; ou porque as questões eram resolvidas de acordo com a justiça individual das pessoas. Além disso, somente homens eram presos, e estes ficavam trancafiados integralmente nas celas. O fato é que, desde a sua construção (na ditadura militar) até o fim da sua vigência, em outubro de 2007 (no período democrático), exatamente 40 anos, a penitenciária funcionou como delegacia e casa de milícias, para cumprir as operações básicas de penitenciária e unidade prisional. Foi ponto de resguardo de detentos em regime fechado ou semiaberto, prestação de queixas e reduto estratégico militar.

NAS PAREDES DA MEMÓRIA: UM MUNDO ALÉM DAS GRADES

Segundo Thomas (2004), nosso mundo é um palimpsesto de temporalidades, de vestígios e resíduos das coisas, o passado, os fenômenos de hoje e as possibilidades para o futuro. Esse “mundo” tornou-se fonte de estudo do pensamento arqueológico, embora somente nas últimas décadas, com o advento da Arqueologia do passado recente, ou Arqueologia do passado contemporâneo (séculos XX e XXI), ganhou visibilidade (Buchli & Lucas, 2001; Shanks, 2004; Witmore, 2004; Lucas, 2005; González-Ruibal, 2007, 2014; entre outros). Basicamente, a Arqueologia, na atualidade, concentra-se no estudo da cultura material e das paisagens culturais em todos os aspectos da experiência humana, como elementos culturais da pré-história, da história, além de cruzar com pesquisas interdisciplinares que envolvem patrimônio, arte, gênero, etnografia, história moderna, até ambientes de repressão, resistência, combate, morte, prisão, caracterizados, por exemplo, pela Arqueologia da repressão, da violência, da resistência (Zarankin, A & Niro, C, 2008; González-Ruibal, 2014).

Falando em ambientes repressivos, ainda que minoritários, existem diversos antecedentes de projetos de Arqueologia que englobam o universo prisional, escavações de prisões submersas, desenterrando restos de celas e salas de punição. Como o caso de uma prisão do século XIX, localizada sob um estacionamento próximo à Casa Estadual de Rhode Island, Estados Unidos, (Spencer, 1997); a escavação da Penitenciária de Port Arthur, no Texas, em que foram investigados características e depósitos associados com a história de Port Arthur (1830-1877), (Hamilton, 2013); o estudo arqueológico da arquitetura dos Centros Clandestinos de Detenção da Argentina, os chamados CCD (Zarankin & Niro, 2008); e a investigação da *Spike Island* em Alcatraz, Irlanda, (O'Donnabhain, 2017). Atesta-se que sobre este último, fortaleza da era napoleônica, convertida em prisão de condenação, em 1884, os arqueólogos estudaram o triângulo de relações entre condenados, seus detentores e a instituição, a cultura material da prisão, os edifícios utilizados para abrigar os detentos e a área do cemitério onde os prisioneiros foram enterrados. Além disso, uma interessante pesquisa sobre os grafismos dos edifícios remanescentes foi realizada como meio de acessar as atitudes dos condenados em relação ao seu encarceramento, (O'Donnabhain, 2017).

Percebemos que a Arqueologia tem se preocupado com os aspectos cotidianos do mundo contemporâneo e o seu lado obscuro da modernidade (ditaduras, violência, política, guerras, colonialismo), patrimônios alternativos e subalternos, oferecendo diferentes perspectivas para se pensar sobre os elementos culturais das pessoas de um passado mais distante ao mais recente, (Pearson & Shanks, 2001; Buchli & Lucas, 2001; González-Ruibal, 2014). Tendo em vista as limitações em se estabelecer os significados dos artefatos, objetos criados e utilizados pelos antigos ou pelo indivíduo contemporâneo, os arqueólogos desenvolveram recursos teóricos valiosos para quem estuda a cultura material. Assim, a materialidade, as pessoas, interfaces, a

espacialidade e temporalidade são todos gerados nas redes do social, são partes delas e são essenciais a elas, além de formarem relações ativas e de agência. (Bourdieu, 1977; Giddens, 1979; Gosden & Marshall, 1994; Gell, 1998; Tilley, 2004; Ingold, 2007). Dentro dessa perspectiva, como poderemos acessar, resgatar e tornar “visível” os grafismos deixados pelos presidiários que foram fruto de sua experiência e vivência na penitenciária em estudo? Quais teorias recorrer?

A fenomenologia, em linhas gerais, trata-se de uma corrente teórica que envolve a tentativa de descrever os objetos da consciência da forma como eles se apresentam à consciência. Propõe a revelar o mundo como ele é de fato experienciado pelo sujeito, de modo direto, não como poderíamos, pela via teórica, supor que é. O objetivo não é explicar o mundo (em termos, digamos, de casualidades físicas, acontecimentos históricos ou disposições psicológicas), mas descrevê-lo, o mais precisamente possível, conforme os seres humanos o experienciam (Merleau-Ponty, 2011; Tilley, 2014, Cerbone, 2014). A fenomenologia é antes um estilo e um modo de pensar do que um conjunto de doutrinas, normas ou procedimentos que podem ser seguidos; um modo de Ser no mundo e um modo de pensar sobre ele; opõe-se diretamente à “atitude natural” empirista e positivista (científica) quando é aplicada ao estudo de pessoas e da sociedade, (Heidegger, 2005; Sokolowski, 2014).

Nos últimos anos a utilização da Fenomenologia aplicada a estudos arqueológicos tem sido um dos desafios teóricos mais provocativos da disciplina (Meskell & Joyce, 2003; Dornan, 2004). As ideias, conceitos e discussões concedidos por essa corrente filosófica são empregados de duas maneiras: primeiro como fonte de reflexão crítica sobre o positivismo cartesiano e segundo como ferramenta hermenêutica para auxiliar a interpretação da cultura material do passado e do presente, (Shanks, 1997; Buchli & Lucas, 2001). Neste sentido, os trabalhos de Edmund Husserl (2000), Martin Heidegger (2005), Marice Merleau-Ponty (2011), dentre outros, têm estado em discussão com algum detalhe nesse crescente corpo da arqueologia fenomenológica, (Meskell, 1999; Tarlow, 2014). Para eles, arqueólogos fenomenológicos, a experiência humana foi concebida como massivamente variável, socialmente construída e, portanto, exigindo uma explicação local e contextual, embora os críticos tenham questionado até que ponto as descrições do caráter da experiência humana específica para o mundo ocidental moderno podem corroborar com os estudos das sociedades passadas e ou contemporâneas (Gosden, 2004).

Neste âmbito, a chamada Arqueologia fenomenológica, particularmente na Grã-Bretanha, tem tido destaque nos estudos da pré-história, mais precisamente no período Neolítico, enaltecida por meio da publicação do livro *A phenomenology of landscape* de Christopher Tilley, em 1994, que provocou considerável interesse na comunidade arqueológica (Thomas, 1996; Cummings, 2002; Brück, 2005).

Baseando-se na fenomenologia para criticar os estudos tradicionais da paisagem como espaços neutros sobre o qual as atividades humanas são mapeadas, Tilley (1994) desenvolve uma abordagem inovadora para a interpretação das paisagens pré-históricas, argumentando que elas devem ser contextualizadas, levando em consideração sua memória, significado, experiência pessoal e identidade. Esse livro representa o primeiro volume completo sobre o assunto dentro da disciplina, embora, ao mesmo tempo, Gosden (1994) também tenha começado a discutir a relevância do trabalho de Heidegger (2005) para a Arqueologia.

Christopher Tilley (1994) argumenta que nós arqueólogos precisamos nos reencontrar com os aspectos qualitativos da paisagem e da cultura material, explorando as formas em que os significados sociais e culturais são atribuídos aos lugares. Desse modo, emprega a fenomenologia como uma metodologia bem como uma filosofia, argumentando que ela pode fornecer um ponto de entrada em entendimentos passados ou presentes

do mundo material. Além disso, enfatiza a necessidade de compreensão da experiência humana de lugar e paisagem no passado, acrescentando à sua abordagem um reconhecimento da importância central da memória e emoção para conhecer e experienciar lugares (Tarlow, 2012).

As abordagens fenomenológicas consideram o significado do indivíduo na teoria arqueológica recente, na qual o papel do agente humano ativo e experiente em mudanças sociais, econômicas e políticas tem sido um dos princípios primários da Arqueologia pós-processual, desde a sua criação, no início da década de 1980, (Hodder, 2000; 2004). Essa foi uma maneira importante de desafiar a teoria dos sistemas desumanizados da Arqueologia processual e de fornecer alternativas às abordagens deterministas ambientais. Assim, o emprego de conceitos e pensamentos da fenomenologia, a partir de filósofos como Maurice Merleau-Ponty (2011) aplicada à Arqueologia, foi fundamental na análise arqueológica dos grafismos de *Apelo Religioso* e *Sexualidade* neste trabalho, na busca das relações entre sujeito (pessoas/detentos) e objeto (seus desenhos e murais de palavras) neste grau de simetria, de vivência e experiências dentro do espaço carcerário.

A fenomenologia está presente aqui, porque se pressupõe que, no ato de desenhar e escrever nas paredes e tetos das celas, estão concebidas ações cognitivas e perceptivas, emoções, fenômenos e sentidos. Talvez um dos fios mais produtivos das abordagens fenomenológicas dentro deste contexto arqueológico seja a contribuição, ainda que singela, na desconstrução do pensamento dualista processual do sujeito-objeto. É possível que somente vendo objetos, figuras, desenhos e inscrições como agenciadores, animados e ativos, possamos aderir a um modelo segundo o qual tanto as pessoas como as coisas importam significado (Bourdieu, 1977; Giddens, 1979; Gosden & Marshall, 1994; Gell, 1998; Tilley, 2007; Ingold, 2007). Assim, estamos aos poucos reconhecendo que artefatos, edifícios, monumentos e paisagens não só nos afetam, mas nos tornam quem somos, assim nosso engajamento com o registro arqueológico é necessariamente um diálogo em que tanto os arqueólogos quanto os eixos, casas, prisões e outros ambientes culturais que estudamos são criados e transformados (Jones, 2002; Tilley, 2004).

A FENOMENOLOGIA DE MAURICE MERLEAU-PONTY

O termo “fenomenologia” é uma combinação da palavra grega *phainomenon* que significa a atividade ou ação de dar conta, fornecendo um *logos*, estudo, de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer. Por fenômenos (*phainomena*), quero dizer aqui, por exemplo, retratos ou desenhos em vez de simples objetos; eventos lembrados por um presidiário, em vez de antecipados; objetos imaginados em vez de percebidos, objetos matemáticos, como triângulos e formas, em vez de seres vivos; palavras, em vez de vestígios arqueológicos; ou ainda, realidade política, ao invés de economia (Aquino, 2017). Todos esses fenômenos podem ser explorados quando percebemos que aquela consciência é consciência “de” algo que não está bloqueada dentro de seu próprio *ser*. Dessa maneira, a palavra “fenomenologia” significa “o estudo dos fenômenos”, em que a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. “Prestar atenção à experiência, em vez de àquilo que é experienciado, é prestar atenção nos fenômenos” (Cerbone, 2014:23).

Segundo Tilley (2014), a característica distintiva da fenomenologia trazida por Maurice Merleau-Ponty (2011) é que ela se baseia na fisicalidade e na experiência material do corpo humano no mundo. Do corpo emana-se toda a nossa experiência, compreensão e conhecimento do mundo. Neste sentido, Merleau-Ponty

(2011) defende uma posição materialista contrária a qualquer forma de idealismo ou intelectualismo que tente situar e compreender o mundo por meio da perspectiva de um espírito descorporificado, extrassomático, de alguma forma, fora do corpo, (Aquino, 2017). Nosso *ser-corporalmente-no-mundo* fornece a base fundamental para nossa descrição dele em um contexto particular, de um dado momento e em um lugar específico; um sujeito físico no espaço-tempo (Merleau-Ponty, 2011).

Para Merleau-Ponty (2011), o problema do significado ou da racionalidade é explicável em termos da percepção desse corpo-sujeito. A percepção constitui o vínculo ou contato entre a consciência e o mundo no qual os significados surgem. É preciso refletir sobre a questão: quem é e o que é o agente que percebe? Ao responder esta pergunta, Merleau-Ponty (2011) fornece uma resposta radicalmente diferente daquela dada por filósofos empiristas e idealistas, pois, para os empiristas, um corpo-sujeito registra passivamente sensações que lhe são impostas externamente (Tilley, 2014). Já para os idealistas, o objeto é ativamente registrado pela operação mental de um *cogito*⁸ ou de um espírito intelectualizado. Ambas as posições separam o espírito do corpo e ainda consideram o corpo como um objeto entre outros objetos no mundo.

Rompendo com essas duas vertentes, Merleau-Ponty (2011) propõe que se transcenda o dualismo espírito/corpo e o objetivismo, que reduz o corpo a um objeto mecânico. O corpo próprio é ao mesmo tempo objeto e sujeito. Enquanto sujeito, o corpo não é objeto fora da consciência, mas a única maneira de estar presente no mundo e estar consciente disso. Em outras palavras, a consciência é corporal. O corpo próprio é um modo de ver e sentir o mundo e a forma pela qual um sujeito vem a conhecer e expressar essas imagens e impressões. A relação de um sujeito e seu corpo é interior: eu tenho um corpo e essa é minha consciência. Além disso, o corpo próprio combina o *ser-em-si* (uma forma objetiva) com o *ser-para-si* (uma forma subjetiva), mas não é redutível a nenhum deles. Ele nos permite saber o que espaços, lugares e paisagens são, porque é o agente autoral desses, (Bourdieu, 1977; Giddens, 1979; Gosden & Marshall, 1994; Gell, 1998; Tilley, 2007; Ingold, 2007).

A consciência é “o ser para a coisa por intermédio do corpo (...), portanto, não se deve dizer que nosso corpo está no espaço tampouco que ele está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo” (Merleau-Ponty, 2011:193). A consciência perspectiva advém de um corpo-sujeito, um corpo que conhece. Dessa forma, a abordagem fenomenológica transcende a distinção tradicional entre sujeito e objeto, (Tilley, 2014).

Assim, pensemos agora no objeto de estudo deste trabalho: os grafismos (desenhos e murais de palavras) das temáticas: “apelo religioso e sexualidade” que estão presentes nos tetos e paredes das celas. Como podemos estabelecer a relação *corpo-sujeito* dentro da prisão? Vimos que o mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, em que ele é percebido e ajustado a uma corporalidade. Esse mundo, dentro do contexto trabalhado, são as celas da Penitenciária Tenente Zeca Rúben. Esse mundo (celas) é ajustado à corporalidade (corpo) do sujeito (detento) e à própria corporalidade física da cela (paredes e tetos). Aqui obviamente são estabelecidas sensações, sejam elas aliadas à privação de liberdade ou mesmo aos anseios pelo ausente⁹; anseios de todo um mundo que se encontra fora do cárcere, (Aquino, 2017). Neste sentido, a percepção é advinda da experiência do mundo em que os detentos se encontram (celas), onde as paredes e teto servem de ponte para transmitir o anseio do que está ausente, ainda que subjetivamente, por exemplo, em um desenho de

⁸ *Cogito ergo sum* “Penso logo existo”, Descartes.

⁹ Quando falo em anseios pelo ausente, quero dizer que dentro da cela os presidiários certamente anseiam por aquilo que lhes faz falta seja no âmbito material como imaterial; a saudade de casa, das famílias, dos amigos, da namorada, ou companheira, dos filhos; ou mesmo da droga, de uma comida em especial, de ínfimas coisas.

mulheres nuas ou da folha da maconha, nitidamente em um campo de muitas possibilidades, mas ainda assim o ausente aqui se faz presente através do *corpo-sujeito* (Aquino, 2015; 2017).

O corpo está aberto ao mundo mesmo que haja coisas escondidas ou fora de seu alcance. Assim, a ação de perceber envolve uma relação entre o visível e o invisível. Você não consegue ver todos os lados e superfícies de um lítico ou de um fragmento cerâmico ao mesmo tempo. Poderá, claro, experienciá-los em sequência, uma a uma estrutura particular de encontro, mas quando uma face é posta em foco, outra desaparece. (Aquino, 2017). Assim, a maneira como experienciamos um artefato arqueológico ou mesmo um lugar depende dos conformes de nosso encontro. Ou seja, em uma paisagem ou lugar determinado como a cela de uma prisão, o indivíduo adquire, por meio do hábito, conhecimento das coisas e de suas disposições. E, notoriamente, apenas em uma nova paisagem ou lugar desconhecido, que ele ou ela terá que pensar conscientemente sobre os novos arranjos e aprender onde as coisas estão (Tilley, 2004; Ingold, 2007).

Outro ponto da fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) é a questão de que as coisas e os lugares bem como as pessoas são seres temporais. O tempo está dentro de uma pessoa, é parte dela, como também o é de um objeto ou de um lugar. Consequentemente, coisas, pessoas e lugares não são entidades estáticas, por mais que seja uma cela de menos de 16 m², mas ao contrário, estamos constantemente mudando e alterando sua natureza. O tempo é a quarta dimensão “escondida” do ser, é um dos elementos constituintes de lugares, paisagens e coisas. Nossa experiência corporificada e percepção do mundo envolve um incessante alongamento do presente ao passado, no que ambos se conectam e se postam em relação ao futuro (Merleau-Ponty, 2011).

Portanto, os grafismos da penitenciária envolvem a experiência dos detentos constituídas com as cores do tempo. Memórias de lugares que eles visitaram e viveram; memórias de objetos que manipulavam; memórias de um mundo que está além das grades, colore suas percepções no presente (ato de desenhar, escrever), como também, encaram o futuro e o novo. As experiências passadas são transportadas por meio da atividade do sujeito encarnado, corporificado, que carrega a vivência e a experiência para o lugar, para a paisagem (Tilley, 2004; Ingold, 2007).

ARQUEOLOGIA NAS PAREDES

CHEGOU A HORA DE FOTOGRAFAR, MEDIR, ANALISAR E EXPERIENCIAR

Quando iniciei os estudos na penitenciária, tinha em mente um “fazer arqueológico” tradicional, ainda mais por não saber como lidar metodologicamente em relação ao que estava me propondo a estudar. “*E então? O que fazer? Fotografar isto tudo? Com ou sem escala? É necessário medir o tamanho dos painéis dos grafismos? E depois, como analisar?*”, (Aquino, 2017:67). Obviamente, dentre os trabalhos arqueológicos que poderiam nortear os primeiros passos da pesquisa, o levantamento de pinturas rupestres pré-coloniais pareceu-me o mais condizente para tal. E foi isso que fiz de início.

Prospectei¹⁰ superficialmente todos os espaços da penitenciária, observando atentamente sinais de evidências culturais, não somente nas paredes e tetos das celas, mas em outros suportes, no pátio e nos banheiros. É isso que os pesquisadores costumeiramente fazem, não é? Percorrem as áreas que compõem os sítios e assim passam a conhecê-los melhor. Andam, distanciados uns dos outros, comumente em linha reta,

¹⁰ Sobre a metodologia empregada nesta pesquisa, encontra-se melhor detalhada em minha dissertação. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/1396>.

olhando para o chão, na expectativa de encontrar objetos culturais em meio a terra, galhos, pedregulhos e outros elementos naturais. Mas, como realizar essas prospecções em meio a concreto? E em reduzidos espaços como as celas? Pode parecer fácil, no entanto, assim como o levantamento de pinturas rupestres, existiam agravantes naturais e antrópicos que impediam a visibilidade e identificação de muitos grafismos, como por exemplo: paredes derrubadas, telhado desmoronado, infiltrações, acondicionamento de pragas e outras agressões. Neste sentido, do ponto de vista meramente subjetivo, considerei os desenhos e escritos mais recentes e com melhor visibilidade.

Ainda assim identifiquei mais de 800 grafismos (*desenhos, símbolos, pensamentos (escritos), recortes de jornal, revista*). Realizei todo o registro fotográfico dos grafismos, tanto de cada uma das temáticas específicas como de pequenos conjuntos de temáticas que não foram contempladas na análise: (símbolos, desenhos de armas e outras inscrições variadas). O agrupamento dos grafismos permitiram seu estudo com base na observação das vivências e experiências dos presos no espaço. Após isto, todos os dados foram compilados em banco de dados, e os grafismos de apelo religioso e sexualidade foram selecionados para posterior análise fenomenológica (Aquino, 2015; 2017).

Considerando que um dos objetivos da fenomenologia está em volta da descrição enraizada na subjetividade da experiência pessoal, argumento que os grafismos dos presidiários oferecem visualizações pluralistas dessa mesma experiência subjetiva. Esses paralelos são evidenciados por meio de desenhos, murais de palavras feitos no teto e nas paredes das celas, vistos dentro de um paradigma reflexivo e analítico. Os grafismos aplicados ao viés da fenomenologia ofereceram mutuamente as possibilidades de novas formas de pensar, descrever e interpretar a experiência carcerária no contexto em estudo (Aquino, 2017).

Diante desta perspectiva, todas as celas foram experienciadas e analisadas dentro do viés da Arqueologia fenomenológica, na tentativa de traçar uma análise detalhada de como esses espaços carcerários poderiam ser sentidos pelo corpo humano/preso para criar uma compreensão específica do lugar. Tal metodologia trouxe uma série de narrativas no encontro encarnado, corporificado, por meio do contato com uma variedade de desenhos, símbolos e inscrições, descrevendo em palavras e fotografando a experiência, enquanto movimentava-me de um local para outro. Tilley (2004) considera, por exemplo, os pontos de vista de locais específicos, a ordem em que se encontram a materialidade em diferentes espaços dentro de um monumento (Tilley, 2004), “a maneira pela qual os monumentos podem imitar elementos da paisagem física” (Tilley, 1994:105); e sua própria experiência corporal de características topográficas, como piso rochoso, encostas íngremes e áreas pantanosas. Diante dessa perspectiva, avaliei, em contato preliminar, como as temáticas de *apelo religioso e sexualidade* se desenvolviam nas celas, observando suas disposições espaciais, a intencionalidade, a frequência em que apareciam em cada cela, além da minha própria experiência corporal com o meio.

AS PAREDES FALAM SIM!

O mundo percebido é o mundo real de cada indivíduo. Como afirma Merleau-Ponty (2011: 13-14), “não é preciso perguntar-se se nós percebemos o mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos”. Trazendo esse pensamento para o estudo dessa cultura material distinta, dos grafismos, busca-se romper com o modo de fazer Arqueologia exclusivamente por meio de números, tamanhos e formas; e propõe-

se, a partir das ideias da fenomenologia, uma pesquisa que tem nas experiências sensoriais um método para compreender os autores dessa cultura. Nas palavras de Merleau-Ponty (2011):

Fenomenologia é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer. (Merleau-Ponty, 2011).

Sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com a mesma não é somente uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas. Mais do que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas e da vida. A existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana. A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se noções distintas de espaços perceptuais e existenciais, (Tilley, 1999; 2004).

Desta maneira, iremos conhecer agora como estas relações foram dadas; como a criação de desenhos e murais de palavras nas celas fazem parte de uma prática integrante da vivência e experiência de seus criadores, na qual coadunam marcas da transformação do espalho nessa prisão. Para isso, estudaremos duas temáticas que classifico como as mais comuns de serem encontradas nos ambientes carcerários, levando em consideração alguns elementos como: a necessidade, carência, indulgência (*apelo religioso*) e desejos da carne (*sexualidade*), (Aquino, 2015; 2017).

COMO OS PRESOS SE COMUNICAM?

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Segundo o antropólogo José Carlos Rodrigues (1979), a relação do sagrado e o profano no sentido da estrutura social são modalidades de ser no mundo: tudo o que é objeto de interdição é sagrado, ao passo que o profano é tudo aquilo a que estas interdições se aplicam. E surge uma simples definição: o sagrado e o profano são completamente diferentes e opositivos. O ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, do qual não ousamos nos aproximar, porque ele não pode ser tocado. Está permanentemente protegido desse contato pelas interdições que o isolam e protegem do profano. Tudo que é sagrado existe à parte: não pode ser colocado em pé de igualdade com o que é profano e muito menos misturado a ele.

Partindo do pressuposto de que o ambiente comunga com a experiência corpórea, notei que muitos grafismos nas celas da Penitenciária Tenente Zeca Rúben obedecem a noção fenomenológica do espaço que dialoga com a concepção aristotélica. Nesses termos, lugares entendidos por sagrados como montanhas, que ficam no alto, são associados à luz e a disposição de ar, ou mesmo o teto das celas como veremos a seguir, podem, neste caso, serem privilegiados cultural e emocionalmente. Coisas naturais e culturais de altitude/altura (montanhas, penhascos, cachoeiras, torres de igrejas, edifícios, rochas, vasos cerâmicos, monumentos) nos impressionam assim como certos grafismos localizados “acima”, no alto, no teto, que parecem se aproximar de uma certa sacralidade, do sagrado.

Já os grafismos situados na parte inferior das paredes das celas, por exemplo, assim como o “subterrâneo”, tendem a ser associados ao pecado, à escuridão ou à morte, o profano. Cima e baixo se tornam termos nos

quais se atrelam propósitos morais e essenciais e os valores de “inferior” e “superior” (Tilley, 2014). Notadamente os grafismos das celas enquadra-se nestas noções, vejamos:

APELO RELIGIOSO: O SAGRADO

A temática denominada de “apelo religioso” está presente, principalmente, nos tetos das celas e em locais estratégicos nas paredes, que correspondem à noção “*corpo versus espaço*”. Essa temática diz respeito a elementos de cunho religioso, ligados ao discurso apelativo, além de outras manifestações parietais relativas a passagens e iconografias cristãs. Observa-se que 70% dos murais escritos no teto e nas paredes fazem referência a homílias e preces religiosas. Os presos têm a figura divina de Deus e Jesus Cristo como mediadores para as graças almejadas (Figura 2).



Figura 2: Temática de apelo religioso presente na Cella 02. Fonte: elaborada pela autora (2015).

De acordo com Foucault (2005), o ambiente carcerário é um recinto da lentidão do suplício, peripécias e sofrimento do condenado. Na medida em que o detento é pressionado pela dor e pela agonia, ele passa a ser visto como o teatro do inferno, pois ele está sendo julgado tanto pela justiça dos homens como também pela justiça de Deus. Nesse sentido, a punição terrestre é considerada como dedução da pena divina futura. É nesse ambiente que lhe vem o arrependimento, muitas vezes tardio, fazendo com que, diante de tantas discrepâncias

sofridas, suplique a Deus: misericórdia, piedade, compaixão e indulgência. E é nos sentimentos mais cristãos e nas demonstrações exteriores de religião que se observa o mais sincero arrependimento. Ferreis (*apud* Foucault, 2005) argumenta que:

Sozinho em sua cela o detento está entregue a si mesmo; no silêncio de suas paixões e do mundo que o cerca, ele desce à sua consciência, interroga-a e sente despertar em si o sentimento moral que nunca perece inteiramente no coração do homem. (Ferreis *apud* Foucault, 2005:363)

Conforme Mircea Eliade (2001), na hierofania o sagrado vem à tona da consciência do homem como fenômeno. Aqui, a consciência e o fenômeno são inseparáveis. As hierofanias são formas de experiência do sagrado por parte do homem que variam no tempo e no espaço em seus traços externos, mas que internamente se universalizam. Em última instância, as hierofanias, neste estudo, demonstram que os grafismos do teto são sentimentos ou narrativas que mostram o anseio dos presidiários por transformar a desordem (seus crimes, seus sentimentos malfazejos) em ordem (liberdade de espírito e de ser), o caos em cosmos: “*Jezuz mitiri desti lugar por favor senhor que me perdoe por os meus pecados*”, citação localizada no teto como pode ser observado na figura 2.

Na consciência, como absoluto a priori, está presente a ideia de uma força, um poder, um inteiramente "outro", que mantém a ordem do mundo apesar de forças contrárias e ameaçadoras da desordem. Todos os atos culturais de caráter religioso expressam o apoio humano (presos) à ordem e o rechaço à desordem. A hierofania, em Eliade (2001), portanto, é a própria experiência religiosa.

Sob análise da fenomenologia aplicadas à Arqueologia, comungando as noções de vivência, experiência, relação comunal de espaço e cotidiano, foi possível constatar a relação íntima, entre autores e suas criações, dada por meio da observação da utilização do espaço parietal, estruturada intencionalmente, obedecendo à compatibilidade entre o que é material e o que é social. Uma vez que os detentos, dotados de uma consciência e almejando o perdão divino, suplicam por piedade; e a saída para livrar do sofrimento em que se encontravam, direcionam suas orações para Deus e Jesus Cristo. Desta maneira, para fé cristã, onde está a morada de Deus senão nos céus? Ao orar, o ato de erguer a cabeça para o alto, para os céus, nada mais é que uma tentativa de estabelecer uma relação proximal com Aquele com quem se quer comunicar. No ambiente interno da cela, os presidiários, na prática desse ato, não conseguiam obviamente enxergar os céus, pois se encontravam diante de uma estrutura de concreto e de gesso que impedia tal visibilidade.

O teto, dentro deste contexto, estabelecido aqui como elemento não humano, possui “agência”, tornando-se elemento mediador entre a comunicação dos detentos, Deus e Jesus Cristo. Isto se torna claro ao perceber que a criação dos murais representando súplicas e explanação da fé cristã no teto, e não em outros suportes como as paredes, por exemplo, se deu pelo estabelecimento de uma comunicação do consciente, do imaterial (mente), aquilo que estava no íntimo de quem escreveu, para o material (suporte/teto). Observa-se que o detento (emissor), escreveu suas súplicas e pedidos (mensagem) expressos no teto (canal) para chegar a Deus e Jesus Cristo.

Em algumas paredes das celas, encontraram-se elementos de cunho religioso, ainda que em quantidade reduzida. Em uma das celas, precisamente a cela que está ao lado do Gabinete do Delegado, encontrou-se o desenho do Sagrado Coração de Jesus, de aproximadamente 70 x 60 cm (Figura 3). O que mais impressiona nesse grafismo é sua disposição espacial, que me leva a considerar a intimidade, ou melhor, a relação proximal

entre o indivíduo e a cela, uma vez que ele foi desenhado justamente na parede que vai de encontro à porta de entrada/saída das celas. Quem está do lado de fora da cela, ao enxergar o grafismo, tem a impressão de que Jesus Cristo está preso. Seria alguma mensagem referente à “injustiça”, já que Cristo foi preso e crucificado injustamente?



Figura 3: Sagrado Coração de Jesus. Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Na primeira imagem, à esquerda, busto do Sagrado Coração de Jesus visto de dentro da cela. Na segunda imagem, à direita, busto do Sagrado Coração de Jesus visto do lado de fora, dando a impressão de que Jesus Cristo está encarcerado.

É notório portanto que, na prisão, todas as relações sociais são diferenciadas dos padrões sociais comuns. É o início da perda da identidade, moldando-se, enfim, uma nova personalidade da pessoa presa (Wolfmann, 2000). A desidentificação e despersonalização do sujeito são, definitivamente, aspectos relevantes no processo de mutilação moral. De frente com a religiosidade, um “novo nascimento” seria a esperança de reconstrução de uma “nova identidade” moral, manifestada em uma “nova criatura”, isento de culpas ou novos julgamentos.

SEXUALIDADE: O PROFANO

A segunda temática de maior recorrência na penitenciária é a que está relacionada à figura da *mulher* e a *sexualidade* dentro de um teor erótico em que, possivelmente, os réus não só sublimavam sua excitação sexual no momento em que faziam os desenhos eróticos, mas provavelmente sentiam um prazer ainda maior ao constatar que suas pinturas e grafites eram apreciados por outros presos (Navarrete, 2004). É desta maneira que a sublimação se converte num recurso de poder sobre o âmbito simbólico e físico da cela, já que o indivíduo não apenas ocupa o recinto, mas o possui sexualmente. Contudo, antes de procedermos à análise fenomenológica desta temática, uma breve reflexão: Ao invés de desenhos, por que os presos não colocavam unicamente pôsteres com mulheres nuas nas paredes das celas?

Ao que parece, existe uma espécie de objetivação do amor platônico ou atração pelas mulheres desenhadas de acordo com o apelo sexual, usualmente orientado para uma perspectiva heterossexual, na qual exuberantes desenhos de mulheres nuas em posição sexual são reproduzidos de forma verossímil, evidenciando um certo cuidado ao retratar o corpo feminino desejado (Figura 4.)

Cada movimento, cada atitude postural corresponde a uma intenção. No entanto essa intenção, esse desejo, só se descobre pelo objeto que procura, pelo objeto que lhe ajusta, como se tratasse da peça de um

quebra-cabeça que lhe falta. A intencionalidade sexual, aqui, é definida pelo corpo de um outro que se procura, podendo ser um corpo masculino ou feminino, ainda que boa parte dos grafismos imponham uma perspectiva heterossexual, pelo corpo-objeto que a complementa, que se ajusta aos movimentos do desejo. E tal como a chupeta desperta a sucção e o desejo de sugar, também é verdade que o corpo-objeto sexual dos grafismos à mercê dos presidiários lhes desperta o desejo, a intencionalidade erótica (Aquino, 2015; 2017).

Com efeito, partindo dessa análise, Merleau-Ponty (2011) não só revela modos de ser diferentes da “normalidade”, como faz entender que a percepção erótica não é uma cogitação (*cogitatio*) que visa um cogitado (*cogitatum*); ela se faz no mundo, não numa consciência laborativa. Neste sentido, o presidiário aqui possui em si uma compreensão que não passa diretamente pela ordem tética, mas que, enquanto projeto em direção ao outro, liga cegamente um corpo à alteridade.

Merleau-Ponty (2011) critica tanto o empirismo, que vê na experiência erótica certa correlação entre estímulo exteroreceptivo e resposta interoreceptiva, como o intelectualismo, que objetiva o fenômeno sexual a certa manifestação sensorial apreendida pela consciência, distanciando-a de sua radicalidade fenomênica. Dentro desse contexto, a corporeidade surge como um ponto de apoio no processo de estruturação da experiência sexual-erótica. É ponto de apoio, pois é elemento de visibilidade em seu entrelaçamento com os aspectos mundanos da existência.

Alguns desenhos acompanham frases carregadas de erotismo e de fantasia – tal como “é tudo q elas precisão para nos levarão ao delírio” – que está localizada justamente na parte inferior do desenho de duas mulheres nuas em posição sexual (Figura 4).



Figura 4: Grafismos de mulheres nuas em posições sexuais encontradas na Cella 02. Fonte: elaborada pela autora (2017).

As primeiras mulheres desenhadas estão dispostas a aproximadamente 50 cm do piso, na Parede Norte, enquanto que as últimas, dispostas a 53 cm do piso, na Parede Sul. Estes grafismos (Figura 4) estão presentes em duas manchas gráficas opostas espacialmente na parede B (norte) e na parede D (sul) da cela ao lado do Gabinete do Delegado. Fato curioso é que ambos os grafismos estão localizados de forma semelhante, a aproximadamente 50 cm do chão, configurando a noção “acima/abaixo”, “cima/baixo” tratados pela fenomenologia. Percebe-se que, diante da notória particularidade da temática, esses suportes foram estrategicamente escolhidos. Possivelmente, a intenção da escolha está relacionada com o diálogo, local/temática. Rente a essas paredes, os detentos elaboravam camas improvisadas feitas de papelão, colchões e tecidos. Assim, eles tinham plena visão desses desenhos eróticos ao se deitarem, quiçá, em consonância com a Arqueologia cognitiva, reconhecer na memória estados passados das suas vivências sexuais e mesmo imaginar no “olho da mente” possíveis estados sexuais futuros ao saírem da prisão, conforme podemos analisar na figura 5.



Figura 5: Representação em 3D de presos deitados observando os grafismos de sexualidade.

Fonte: elaborada pela autora (2015).

Mas, afinal, qual a razão de elaborarem desenhos ao invés de simplesmente fixarem nas paredes pôsteres de mulheres nuas?

De acordo com Merleau-Ponty (2011), há um momento em que quem vê e o que é visto, quem *desenha* ou *pinta* e o que é *desenhado* ou *pintado*, tornam-se completamente ambíguos. Isso responde tal pergunta! A ação de pintar, desenhar, não é simplesmente um ato de pura visão; é um ato que estabelece um contato corporal entre o desenhista, neste caso o detento, que desenha com o seu corpo e o contato com o corpo do desenho presente na parede. Desenhar e pintar são processos físicos conectando estes dois elementos (corpo-orgânico e corpo-desenho). Assim, o detento que desenha vê as mulheres nuas em posições sexuais e as mulheres veem o detento, não pelas mulheres terem olhos reais, mas por elas afetarem, moverem o detento, tornarem-se parte do desenho, que seria impossível sem sua presença. Nesse sentido, as mulheres nuas desenhadas possuem agência e não são objetos passivos. Dillon (1998) comenta sobre o pintor e a pintura das árvores:

As árvores “veem” o pintor de forma análoga àquela com que o espelho “vê” o pintor, isto é, as árvores, como os espelhos, tornam-lhe visível; elas definem-lhe por um ponto de vista que torna visível para ele algo que de outro modo permaneceria invisível- seu exterior, sua fisionomia, sua presença carnal... As árvores e o espelho funcionam como o Outro.” (Dillon, 1998: 161-162).

Esta relação entre ver e ser visto, percepção, é o que envolve a reciprocidade entre o corpo e o mundo em um contínuo intercâmbio entre os dois. Já que o corpo humano é o tipo de matéria universal que permite ao corpo do mundo (coisas, lugares, paisagens) voltar-se a si e ser visto. No entanto como essa percepção alcança o objeto? Percepção é a carne tocando-vendo-sentido a si mesma. Não há representação no nível da percepção: existe somente carne em contato com a carne. No que se refere aos grafismos de sexualidade, deve-se considerar o pensamento da percepção como vivência perceptiva, isto é, como uma relação entre sensíveis na qual a carne daquele que percebe necessariamente admite ser percebida.

Não se trata de as mulheres nuas que os detentos avistam nas paredes das celas poderem vê-los, mas eles – detentos – se tornarem visíveis a partir do ponto de vista das mulheres, como elas são visíveis a partir dos olhos deles, dado serem ambos feitos da mesma substância: a carne do mundo. O ver e ser visto, neste caso, ainda é reforçado na ênfase dada pelo autor do desenho quando ele escreve logo abaixo das mulheres a frase “*é tudo q elas precisam para nos levarão ao delirio*”. De que ou do que elas precisam? Elas necessitam dos detentos? Já eles parecem ir ao delírio com elas, ou seja, um necessita do outro. Desse ponto de vista, a consciência não é uma sensibilização privada ocorrida num plano mental individual de quem desenha, mas uma relação ativa com o mundo.

A temática da sexualidade dentro do cárcere, neste sentido, acaba imperando uma compreensão que não necessariamente faz parte da consciência e do entendimento do encarcerado, mas que, enquanto desejo, liga cegamente um corpo ao outro, ainda que esse corpo seja um desenho representativo. A sexualidade “trata-se não de um automatismo periférico, mas de uma intencionalidade que segue o movimento geral da existência e que se abrande com ele” (Giles, 1979:257).

Diante disto, se as coisas não se põem para nós como neutras e sim nos conduzem simbolicamente a certas atitudes ou condutas, é pela sexualidade que o modo relacional do preso com o mundo se torna claro, pois ela é a chave da dialética entre o “em si” e o “para si” dentro da cela. Segundo Merleau-Ponty (2011), na sexualidade a “relação entre pensamentos contraditórios e inseparáveis: é a tensão de uma existência em direção a uma outra existência que a nega e sem a qual, todavia, ela não se sustenta” (Merleau-Ponty, 2011: 231). Dado que as ações possíveis de uma situação só se tornam viáveis devido aos apelos que o mundo lhe suscita, não é por acaso que a afetividade tanto transcende os limites das dicotomias clássicas quanto mostra o corpo em sua radicalidade última, a saber: como ser sexuado. Enquanto sistema aberto em direção à alteridade, o corpo como ser sexuado projeta então o modo de ser do sujeito em relação ao tempo e às outras realidades sensíveis; o que, por sua vez, nos abre para a possibilidade do resgate de uma dimensão existencial da sexualidade dentro do contexto estudado, agora compreendida a partir da mútua pressuposição entre existência (ser, detento) e suas criações, estrutura erótica (grafismos de sexualidade).

Na observação e análise dessas duas temáticas, percebemos que a própria prática de desenhar e escrever nas paredes das celas torna-se uma forma significativa de evidenciar ou mesmo transformar o ausente em tangível. Na qual o desenho, seja ele a representação de Jesus Cristo ou as mulheres nuas, argumentam-se dentro do contexto da cela, podendo tornar-se o invisível, visível; explorando por meio da interseção entre *sentir, pensar e fazer*. Além de questionar e investigar as possibilidades de experiência, ideias e memória através

da capacidade que cada grafismo expõe ao reter e articular traços do passado, o presente e imaginar o futuro, (Aquino, 2017).

Nesse cerne, a imersão do visível e o movimento do corpo tornam-se parte de um espaço relacional que é essencialmente fundado em um autoconhecimento, como "meu movimento é automovido" e emana do *eu* (Merleau-Ponty, 2011). Ou seja, sendo imerso no visível, através do corpo, o visível não é apropriado, mas é em vez disso revelado pelo ato de "olhar". Esse paradoxo, de ambos do que é "visto" e do que se "ver", é derivado do corpo simultaneamente. Olhando para todas as coisas e olhando para si próprio: "Ele se vê a si mesmo: toca em si mesmo: é visível e sensível para si." (Merleau-Ponty 2011:124). Podendo olhar para todas as coisas, bem como para si, o corpo é capaz de reconhecer ambos os lados dessa aparência.

IDENTIDADE DE EXISTÊNCIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a prática arqueológica desenvolvida na Penitenciária Tenente Zeca Rúben, acabei refletindo sobre mim, sobre como aquelas inscrições, desenhos e palavras escritos nas paredes e no teto das celas atçaram o meu imaginário, a minha ânsia de querer "voltar no tempo" e entender aquelas histórias escritas; e mais ainda, quem escreveu e por que as escreveu. No ambiente das celas, analisando os desenhos, ainda que fossem de apenas duas temáticas, como vimos "*apelo religioso e sexualidade*", tentei trazer à tona, ainda que minimamente, os sentidos, visões de mundo dos autores e, mais ainda, ver a "beleza" em um ambiente socialmente classificado como hostil, insalubre e aparentemente sem importância social, já que estava desativado.

É nesse cenário que desenhos feitos por presidiários podem ser objetos de estudo da Arqueologia, pois envolvem a experiência dos detentos constituída com as cores do tempo. Memórias de lugares que eles visitaram, viveram; memórias de objetos que manipulavam; memórias de um mundo que está além das grades, colore suas percepções no presente (ato de desenhar, escrever), como também, encaram o futuro e o novo. As experiências passadas são transportadas por meio da atividade do sujeito encarnado; e fornecem estruturas através das quais esse sujeito se torna capaz de interpretar o mundo e encaixá-lo em um padrão. O corpo carrega o tempo para a experiência do lugar e da paisagem (Joyce, 2005; Ingold, 2007; Tilley, 2007, 2014; Merleau-Ponty, 2011; Tarlow, 2012; Pellini, 2016). Qualquer momento da experiência vivida é, dessa forma, orientado pelo e para o passado, uma fusão dos dois. O passado e o presente se dobram um sobre o outro: o segundo influencia no primeiro, e o primeiro rearticula o segundo.

Vimos nas noções fenomenológicas de Merleau-Ponty (2011) que o mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, em que ele é percebido e ajustado a uma corporalidade. Esse mundo, dentro do contexto trabalhado, foram as celas da prisão, a Penitenciária Tenente Zeca Rúben, trabalhadas dentro de duas temáticas: *apelo religioso e sexualidade*. Nesse mundo (celas) são ajustadas a corporalidade (corpo) do sujeito (detento) e a própria corporalidade física da cela (paredes e tetos). Nesse cenário foram estabelecidas sensações, sejam elas aliadas à privação de liberdade, às angústias, ao medo, ao julgamento divino, à súplica por indulgências ou mesmo os anseios pelo prazer da carne, anseios de todo um mundo que se encontra fora do cárcere. O que nos faz perceber que a percepção foi advinda da experiência do mundo em que os detentos se encontram (celas), onde as paredes e teto servem de ponte para transmitir o anseio do que está ausente, ainda que subjetivamente,

por exemplo, em um desenho de mulheres nuas ou no desenho da folha de maconha, nitidamente em um campo de muitas possibilidades, mas, ainda assim, o ausente aqui se faz presente através do corpo-sujeito.

As temáticas apresentadas, *apelo religioso e sexualidade*, foram fundamentais na compreensão da própria intencionalidade; doutrina nuclear em fenomenologia, uma vez que notamos que cada experiência que temos é intencional. Cada representação de teor de religioso, apelativo ou sexual, foi orientada em volta da consciência que atinge ou contata um objeto. Num processo dialético de interação entre os presos e seus grafismos, cada suporte, parede e teto se tornaram tão intrinsecamente ligados e interdependentes que já não é mais possível falar meramente em sujeito e objeto de forma isolada (Tilley, 2004). O pensamento das pessoas que ali estiveram ocuparam lugares no mundo físico da mesma forma que as formas concretas têm lugar na mente. Um existe sem o outro, mas somente enquanto não se entrecruzam. No exato momento em que uma dada paisagem ou um dado objeto é percebido por um indivíduo, a personificação das formas materiais e a objetificação do pensamento tomam seu lugar, dando forma e sentido a um mundo que é particular a quem o percebe.

Assim, a abordagem fenomenológica desenvolvida nesta pesquisa ajudou-me a acessar e compreender não apenas as experiências e vivências identificadas nos grafismos de apelo religioso e sexualidade, mas a identificar também possíveis significados simbólicos atribuídos aos grafismos das celas. Por meio do estudo arqueológico aliado a fenomenologia de Merleau-Ponty (2011), pude traçar um estreito vínculo entre interpretação e experiência pessoal, (Thomas, 2004; Tilley, 2004; Tarlow, 2014), dotando essa mesma interpretação como resultado da materialidade incorporada culturalmente e que está circunscrita com o mundo, neste caso, o *Mundo* da Penitenciária Tenente Zeca Rúben, proporcionando, nesse cerne, às narrativas multivocais desses grupos reclusos, por meio da sensibilidade de ouvir suas vozes, gritos, angústias, diferentes visões e realidades que estão inerentes nos grafismos. Ao meu ver, tal estudo representa um importante prelúdio de registro testemunhal, edificação de narrativas, reflexão das identidades e memórias, e da experiencição do corpo (sujeito/preso) e o corpo (espaço prisional), contribuindo para construção e/ou reconstrução do passado, mesmo o mais recente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores, Prof^a. Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento (UFPI) & Prof. Andrés Zarankin (UFMG), por todo incentivo e ajuda nesta pesquisa de Mestrado, e a todos aqueles que participaram e contribuíram direta e indiretamente da minha caminhada de estudos no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Rosivânia Castro de. 2015. *Rabiscando Celas: Arqueologia Cognitiva aplicada na interpretação dos registros gráficos da Penitenciária Tenente Zeca Rúben em São Raimundo Nonato-PI*. 72f.:il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato-PI.
- AQUINO, Rosivânia Castro de. 2017. *Entre o sagrado e o profano: Um Mundo por trás das grades*. 144f.:il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Pós-Graduação em Arqueologia, Teresina-PI.
- BOURDIEU, P. 1977. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 72.
- BUCHLI, V. & LUCAS, G, 2001. *The absent present. Archaeologies of the contemporary past*. In *Archaeologies of the contemporary past*, ed. V. Buchli and G. Lucas, 3-18. London, New York: Routledge.
- BRÜCK, J. 2005. *Archaeological Dialogues*. v.12, p. 45 – 72. Disponível em: <10.1017/S1380203805001583>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- CSORDAS, T. J. 1994. *Introduction: the body as representation and being-in-the-world*. In *Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self*, ed. TJ Csordas, pp. 1–24.
- CERBONE, R. D. 2014. *Fenomenologia*. Tradução de Caesar Souza; 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CUMMINGS, V. 2002. *Between mountains and sea: a reconsideration of the Neolithic monuments of south-west Scotland*. *Proc. Prehist. Soc.* 68:125–46
- DILLON, M. 1998. *Merleau-Ponty's Ontology*. Northwestern University Press, Evanston.
- DOMAN JL. 2004. Beyond belief: religious experience, ritual, and cultural neuro phenomenology in the interpretation of past religious systems. *Camb. Archaeol. J.* 14:25 36
- ELIADE, M. 2001. *O sagrado e o profano*. 191 p. São Paulo: Martins Fontes.
- FAN, R. 2017. *Crítica\ Prison Break – 1 temporada*. Plano Crítico. 7 de abr. de 2017. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/> Acesso em: 10 de ago. de 2017.
- FOUCAULT, M. 2005. *Vigiar e punir*. Vozes, Petrópolis.
- GELL, Alfred. 1998. *Art and Agency; an Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press.
- GIDDENS, A. 1979. *Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*. Berkeley: University of California Press.
- GILES, T. 1979. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes.
- GOSDEN, C. & Y. MARSHALL. 1999. The cultural biography of objects. *World archaeology*. v.31. p.169–78.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. 2007. *Making things public: archaeologies of the Spanish Civil War*. *Public Archaeology* 6(2)
- GONZÁLES-RUIBAL, A. 2014. *Contemporary Past, Archaeology of the*. In: *Claire Smith (org.). Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Springer. pp.1683-1694.
- GOSDEN, C. 1994. *Social being and time*, Oxford.

- GOSDEN, Chris. 2004. *Archaeology and colonialism. Cultural contact from 5000 BC to the present*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GROSZ E. 1994. *Volatile Bodies: Toward a Corporeal Feminism*. Bloomington: Indiana Univ. Press
- HAMILTON, Chloe. E. 2013. *Consumption and Convicts: Faunal Analysis from the Port Arthur Prisoner Barracks*. / Chloe E Hamilton. 127 f.: thesis submitted in partial fulfilment of a Bachelor of Arts (Honours) degree in the Department of Archaeology at the University of Sydney, Australia.
- HEIDEGGER, M. 2005. *Ser e Tempo*. 14.ed. Coleção Pensamento Humano. Vozes. Petrópolis:
- HODDER, Ian. 2000. Towards reflexive method in archaeology: the example at Çatalhöyük. Cambridge: Mcdonald Institute for Archaeological Research.
- HODDER, Ian. 2004. *Archaeology beyond dialogue*. Salt Lake City: University of Utah Press.
- HODDER, I & HUTSON, S. 2003. *Reading the Past. Current approaches to interpretation in Archaeology*. Cambridge University Press. Cambridge
- HUSSERL. E, 2000. *A Idéia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70. Lisboa
- INGOLD, T. 2007. *Materials against materiality*. *Archaeological Dialogues*, 14(1):1-16.
- JOYCE, R.A.2005. *Archaeology of body*. *Annual Review of Anthropology*, 34:139-58.
- JONES, A. 2002. *Archaeological theory and scientific practice*. Cambridge.
- LAW, J. & HASSARD, J. 1999. *Actor Network Theory and After*. Blackwell, Oxford.
- LUCAS, G. 2005. *The archaeology of time*. London; New York: Routledge.
- MERLEAU-PONTY, M. 2011. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MESKELL, L. M. 1999. *Archaeologies of Social Life: Age, Sex, and Class in Ancient Egypt*. Oxford: Basil Blackwell
- MESKELL, M. & JOYCE, R. A. 2003. *Embodied Lives: Figuring Ancient Maya and Egyptian Experience*. London: Routledge
- NAVARRETE, R. 2004. *Graffiti XXX: visões, imagens y representaciones sexuales y de género em los baños públicos de la UCV*. Trabalho apresentado durante as II Jornadas Universitárias sobre diversidade sexual “Gênero y Poder”. Caracas: Universidade Central de Venezuela.
- O’DONNABHAIN, 2017. *Spike Island Archaeological Project, Ireland*. Course ID: ARCH XL 159 June 11 –July 15, 2017
- PEARSON, M & SHANKS, M. 2001. *Theater / Archaeology*. London; New York: Routledge.
- PELLINI, J.P. 2016. *Arqueologia e os sentidos: entrando na toca do coelho*. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas.
- RODRIGUES, J. C. 1979. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- SALERNO, M. & ALBERTI, B. 2015. *Introducción. Arqueología del cuerpo em el mundo moderno*. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica Volume 9 | Número 1 | janeiro – junho
- SHANKS, M. 1997. *Archéologies du passé récent*. In *Une Archéologie du Passé Récent?* ed. A. Schnapp. Paris: Fondation Maison des Sciences de L’Homme

- SHANKS, M. 2004. *Three rooms. Archaeology and Performance*. Journal of Social Archaeology 2004 4: 147-180.
- SOKOLOWSKI, R. 2014. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola.
- SPENCER, P. M. 1997. *Providence Prison*. Arqueologia, A publication of the Archaeological Institute of America. Volume 50 Number 6, November/December 1997.
- TARLOW, S. 2012. *The archaeology of emotion and affect*. Annual Review of Anthropology, 41:169-85.
- THOMAS, J. 2004. *Archaeology and modernity*. In: THOMAS, N. Entangled objects. Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific. Cambridge: MA.
- THOMAS J. 1996. *Time, Culture and Identity: An Interpretive Archaeology*. London: Berg
- TILLEY, C. 1994. *A phenomenology of Landscape*. Oxford: Berg Publishers.
- TILLEY, C. 2004. *Mind and Body in Landscape Research*. In: Cambridge Archaeological Journal. v.14. n.1. Reino Unido: McDonald Institute for Archaeological Research. p. 79.
- TILLEY, C. 2014. *Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica*. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica Volume 8 | Número 1 | janeiro – Junho- 2014
- WITMORE, C. 2004. *Four archaeological engagements with place*. Mediating bodily experience through peripatetic video. Visual Anthropology Review 20(2): 57-71.
- WOLFMANN, L. 2000. *Portal do Inferno..., mas ainda há esperança*. São Paulo: WVC.
- ZARANKIN, A & NIRO, C. 2008. “A materialização do sadismo: arqueologia da arquitetura dos Centros Clandestinos de Detenção da ditadura militar argentina (1976- 83) ”. IN: Arqueologia da Repressão e da Resistência: América Latina na era das ditaduras (1960-1980). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008FUNARI, P.P.A.; ZARANKIN, A & REIS, J. A. 2008. (Org.) *Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina*. São Paulo, Ed. Annablume/ Fapesp.